

As coisas melhoram lá fora. É Galvêas, otimista.

Ele diz que a queda dos juros ajudará muito nossas exportações

Na opinião do ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, há uma tendência de recuperação nas taxas de juros internacionais e nos preços do petróleo. Se essa tendência continuar, acredita ele, as incertezas começarão a se dissipar e o Brasil caminhará tranqüilamente para o superávit de US\$ 6 bilhões na balança comercial.

Galvêas fez essas afirmações ontem, no Rio, em palestra para os empresários da Confederação Nacional do Comércio. Antes, na Escola Superior de Guerra, ele tinha traçado um quadro semelhante e afirmado que o governo deverá reduzir consideravelmente os encargos que pesam sobre as importações — especialmente taxas aduaneiras e imposto sobre Operações Financeiras (IOF) — “à medida que a economia comece a refletir os resultados do programa de ajustamento”.

Além disso, explicou o ministro, as reduções nas compas externas das empresas estatais, cujos projetos estão em fase de conclusão, “deverão abrir espaço para importações pelo setor privado”.

Na palestra feita na Escola Superior de Guerra, Galvêas apresentou sua versão dos antecedentes da atual crise econômico-financeira e do impasse das contas externas brasileiras, assinalando que, em 1983, “sobressai toda a crueldade que o constrangimento externo acarretou para o Brasil e para o terceiro mundo”.

Pela primeira vez em muitos anos — disse Galvêas —, a projeção do nosso déficit em transações correntes não refletiu um resultado prudente de políticas voltadas para acelerar o desenvolvimento do País, mas um simplês corolário das possibilidades de seu financiamento por um mercado brutalmente reduzido em seus fluxos. A projeção desse déficit foi o ponto de partida para as ações de política econômica que orientariam a economia brasileira a partir de 1983.

Liderança

Para superar a recessão, segundo Galvêas, “o mundo necessita de lideranças capazes de encontrar saídas para a crise, de mobilizar todas as forças vivas no sentido de restabelecer a confiança e o clima adequados para novos investimentos produtivos, molas propulsoras da oferta de emprego e do aumento da renda; precisa recuperar o ritmo de crescimento do comércio internacional, pela eliminação do protecionismo míope. Sem um comércio internacional ativo, que leve em conta as peculiaridades dos países

do Terceiro Mundo, os esforços de ajustamento em que ora se empenham ricos e pobres determinarão um equilíbrio com empobrecimento geral, causando tensões sociais, distúrbios políticos e, o que é pior, comprometendo o futuro das novas gerações”.

Para ele, “afortunadamente já se pode ver sinais no horizonte. Os Estados Unidos conseguiram domar a inflação à conta do pesado sacrifício do desemprego, restabelecendo o ambiente propício à retomada dos investimentos; o Congresso americano parece ter-se convencido da necessidade de suplementar os recursos do Fundo Monetário Internacional, fortalecendo o papel da instituição como líder do processo de superação dos problemas de balanço de pagamentos dos países-membros”.

“Livro negociação”

Mostrando-se bastante otimista, o ministro da Fazenda lembrou aos estagiários da ESG que há um clima bastante propício para começar as negociações para o ajuste das contas externas de 84 e que existem sinais positivos no Exterior de que será possível recuperar grande parte das perdas do Brasil em 81 e, principalmente, em 82, “já que os preços dos nossos produtos primários de exportação estão indo muito bem, com a recuperação do açúcar, cacau, café e soja”.

Segundo o ministro, internamente, o conjunto de medidas aprovadas recentemente vai levar, sem dúvida, à redução substancial do déficit público. E exemplificou: o controle dos investimentos das despesas de custeio, na área das empresas estatais e a redução do subsídio do petróleo, do trigo e do açúcar irão reduzir o peso desses setores no processo inflacionário e, com isto, haverá agora uma tendência declinante da inflação.

Galvêas afirmou, no entanto, que a inflação se alimenta também pelo sistema de indexação de nossa economia. “Na medida em que se reajustam os salários aos níveis da inflação ou acima dela, há uma pressão muito forte. Estamos buscando uma saída para chegar à livre negociação entre empregadores e trabalhadores”, acrescentou.

De acordo com ele, “precisamos corrigir, corajosamente, as distorções agravadas pela crise mundial, pois a perda ocasionada nas relações de troca com o Exterior empobrecerá o País e é necessário enfrentar a realidade dos fatos, distribuindo as perdas e os sacrifícios, de maneira equitativa, por todos os segmentos da sociedade brasileira”.